

DISCURSO EM HOMENAGEM AO CORONEL
ALVARO DE ALENCASTRE, SESSÃO NO
CLUBE MILITAR A 13 DE JUNHO
DE 1945

Ten.-Cel. A. Lyra Tavares

Entre as homenagens prestadas a militares, das muitas a que tenho assistido na minha vida, houve uma que me impressionou mais do que todos e me está sempre presente. Ela foi muito simples e consistiu apenas da leitura, a traços largos, dos assentamentos do homenageado. Era um oficial francês que ia deixar o Brasil. Finda a leitura, ninguém pôde ouvir as suas palavras de agradecimento. Ele não conseguiu articulá-las. Transformou-as a emoção em lágrimas eloquentes, que lhe brotaram dos olhos, e o auditorio pôde vêr que nem sempre é o discurso, por perfeito que seja, o veículo mais expressivo para traduzir sentimentos e emoções.

E' que, para os homens de bem, de consciência limpa, de caráter firme, modestos para as exterioridades da vida mas orgulhosos de si mesmos, do patrimônio moral que erigiram, pelas próprias atitudes, nenhum prêmio pode haver maior do que a recapitulação da propria vida, das ações que praticaram, dos deveres que souberam cumprir, dos obstáculos que souberam vencer, dos ideais que defenderam e, sobretudo, dos exemplos que deixaram, para os filhos e para a Nação. Só eles poderão repousar e revigorar o espírito na contemplação do proprio passado. Só eles merecem o prêmio de encontrar, na recordação do que fizeram, um motivo forte de emoção e uma razão de orgulho que nenhuma outra pode haver mais justa nem mais legitima.

Ha dias, ao receber deste Instituto, a honrosa incumbência de render a sua homenagem á memoria do Coronel Alvaro Otavio de Alencastre, que foi figura do maior destaque entre os seus fundadores, procurei reunir, na Biblioteca Militar, para ler ou reler, os varios livros com que o saudoso e ilustre soldado brindou a nossa bibliografia historica e li-

teraria. Tive, então, uma noticia significativa. O proprio autor os havia relido, um por um, nos ultimos tempos da sua vida, encerrada, para nosso grande pesar, a 1.º de fevereiro passado. Êle pertencia, realmente, ao número reduzido dos que podem reler, com orgulho, a sua propria obra, reconfortando-se na altivês das verdades que escreveram, na elevação dos principios que sustentaram, na coerência dos conceitos que emitiram e das ideias que defenderam.

Herdeiro legitimo, pelo sangue e pela formação, do espirito aguerrido e nobre dos homens da fronteira que nos legaram esta grande Pátria, o Coronel Alencastre procurou honrar, na sua carreira e na sua obra, as tradições da estirpe, que remontam ás lutas das missões orientais do Uruguai e aos dias heroicos da Guerra dos Farrapos, tempos em que a bravura indômita dos nossos chefes e caudilhos já dava uma amostra da têmpera dos homens que mais tarde teriam de defender juntos, as fronteiras e a honra da Pátria comum.

O Coronel Alencastre cultuou, com carinho e zêlo, a memoria dos seus antepassados e dedicou um dos seus livros ao desagravo do nome do bisavô illustre, para revidar um juiso apressado e irreverente, partido, como dizia êle, de um dêsses falsos fazedores de Historia que, sentados em uma bôa poltrona, acolchoada com os requintes da obra da civilização, fazem sensacionalismo atirando insultos aquêles que tiveram um existencia inteira de devotamento á Patria, dormindo nos arreios, cobertos pelo poncho, sob a cupola do firmamento. O Brigadeiro Antonio Joaquim de Alencastre, a cuja iniciativa Barbacena entrega missões decisivas nos momentos criticos de Itusaingó e a cuja bravura tece louvores em officio ao Ministro da Guerra, era já nome que ninguem destruiria pela maledicência. Fôra êle, no proprio cerco de Sarandy, onde a sua atuação pessoal sofreu as restrições que o Coronel Alencastre repeliu, o autor de um dos mais belos episódios dessa época. Quando os prisioneiros brasileiros eram transportados para a Argentina, pelo rio Paraná, êle organizou e comandou um movimento a bordo, dominando a tripulação e obrigando o navio a mudar de rumo, para assegurar a libertação de todos os brasileiros.

A fibra moral do bisavô repetiu-se, mais tarde, no alferes Serafim Joaquim de Alencastre, nome cheio de tradições na revolução farroupilha, onde tinha o posto de tenente coronel, apesar de o Governo Imperial nunca o haver promovido. Alferes em 1827, êle morreu alferes em 1852, como punição dos seus grandes serviços ao movimento revolucionário. Foi figura de primeira grandesa na República, exercendo os car-

gos de ministro da Guerra e da Marinha e sendo autor do hino republicano. Aliás, nada menos do que onze membros da família Alencastre pagaram com a vida o devotamento á causa da revolução riograndense.

O coronel Alvaro Otávio de Alencastre, neto do bravo farroupilha, foi criado nesse espirito de lutas pela Liberdade, Igualdade e Justiça, que era o lema dos farrapos. Terminando o seu curso na Praia Vermelha, entre os primeiros da sua turma, voltou êle á terra natal, a cujas tradições regionalistas e a cuja historia dedicou-se, com entusiasmo, nos livros que escreveu mais tarde, a partir de 1938. Na carreira militar, exerceu funções de relêvo, sendo de salientar-se o comando da Escola de Aviação, onde foi um dos propugnadores do desenvolvimento da nossa Aeronautica, então embrionária. Foi nosso adido militar na Argentina, comandante da 6.^a Região Militar, da guarnição da Vila Militar e da Escola de Aperfeiçoamento de oficiais. Nesta, eu tive a honra de ser seu comandado. Foi aí que o conheci mais de perto e é dessa época que eu conservo mais nítidos, os traços da sua ação bem orientada e da sua fisionomia simpática de quem sabe comandar pela afeição, que não exclue a energia nem compromete a ascendência de quem comanda, criando, ao contrário, o ambiente de confiança e os laços morais imprescindíveis ás corporações militares, na paz e na guerra.

Depois disso, eu sei que o destino não sorriu ao meu ex-comandante. Foi a fase difícil do Exército, aquela em que o cenário politico nacional, tumultuoso e agitado, teria que repercutir, por força, nos quadros normais das suas atividades rotineiras, em consequência da vitória da revolução de 1930. O coronel Alencastre teve de arcar, a êsse tempo, com os espinhos de certas funções mais expostas aos contra-tempos de tal situação. Êle era homem de convicções, que prezava, acima de tudo, a sua dignidade pessoal, e isto ha de lhe ter custado muitos desgostos e muitas decepções que o destino bem lhe deveria ter poupado no remate de uma carreira retilínia, cheia de dignidade de entusiasmo e de patriotismo.

Êle tinha todos os requisitos para ascender ao generalato e isto é, para os que se consagram á carreira das armas, o máximo que é possível fazer, pelo proprio esforço e pelo proprio valor, para quem quer estar sempre em paz com a consciência profissional e já constitue um justo titulo de orgulho capás de, no fôro íntimo, compensar desestímulos e decepções.

Transferindo-se para a Reserva do Exército, o Cel. Alencastre não abandonou o Exército. Continuou produzindo. Fez do Club Militar o seu novo quartel, e se algum dia al-

guem notasse a sua ausência nas rodas dos velhos camaradas, isso era sinal de que alguma coisa muito importante o retivera em causa.

Continuou a dedicar-se aos seus estudos históricos e literários, agora que as atividades profissionais, que êle sempre colocara em primeiro plano, deixavam-lhe o tempo livre para recreio do espírito nas atividades literárias e nas leituras históricas de que tantas observações interessantes pôde colher para os trabalhos que publicou.

Todos êsses títulos ornavam o nome do soldado e do intelectual que, desde a fundação deste Instituto, fôra ocupante digno da cadeira patrocinada pelo grande Sena Madureira.

Pertencia, ainda, o coronel Alencastre a varias instituições culturais, entre as quais as duas mais representativas das letras da sua terra natal: o Instituto Histórico e a Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

Ha mais de 4 meses que a morte nos privou do seu convívio amigo e da sua colaboração prestimosa e útil. A grande saudade que êle deixou entre os camaradas e companheiros de trabalho se reaviva, hoje, que estamos reunidos para prestar á sua memoria uma homenagem sincera e merecida. O Instituto de Geografia e Historia Militar do Brasil cumpre êsse dever, não somente como uma associação que se privou da colaboração que sempre lhe prestou, por longo tempo, o coronel Alencastre, mas, tambem, como uma roda de amigos, identificados pela vida em comum e pelas afinidades espirituais, que se reúnem para compartilhar, juntos, de um golpe sentimental que a todos atingiu. Esta homenagem, tributada á memoria de um soldado e historiador é, ao mesmo tempo, um preito de saudade a um camarada e amigo que a morte nos levou. E' assim que o Instituto quer guardar a memoria dos seus socios ilustres, não como o registro puro e simples da obra que produziram, mas com o culto sentimental das afeições que êles mereceram, para que os seus anais não sejam meras páginas frias de anotações cronológicas, mas uma obra realmente humana, como deve ser a historia, viva e animada pelo trabalho de cérebros e corações. E' assim que êle vai guardar o nome do coronel Alvaro Otavio de Alencastre.